

Casa Abrigo na região do ABC é pioneira em proteção à mulher

Nesta terceira matéria especial em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, o 8 de Março, a Tribuna trata um tema que atinge 70% das mulheres em todo o mundo, a violência.

O dado alarmante foi anunciado na semana passada pela Organização das Nações Unidas, a ONU, mostrando que sete entre dez mulheres sofrerão algum tipo de agressão física ou sexual ao longo da vida.

No ABC, o Programa Casa Abrigo Regional, que completará dez anos em dezembro, foi idealizado pelo



Casa Abrigo
Programa Regional Grande ABC

então prefeito de Santo André e presidente do Consórcio Intermunicipal, Celso Daniel, para atender mulheres agredidas ou ameaçadas e seus filhos.

O projeto pioneiro possui duas casas com capacidade de abrigar 20 pessoas em cada uma. Sua manutenção é bancada pelos sete municípios da região.

Reconstrução

Segundo a presidente do Conselho Gestor da Casa Abrigo Regional, Adriana Alves, o programa já atendeu 550 pessoas,

contando as mulheres e seus filhos.

Ele foi criado com o objetivo de proteger e promover a reintegração social e econômica de mulheres em risco de morte e de seus filhos menores de 18 anos.

A maioria das mulheres é encaminhada pelos Centros de Referência da Mulher e podem permanecer de seis meses a um ano na Casa, dependendo do caso. Estudos apontam que 75% das mulheres abrigadas no projeto regional reconstruíram suas vidas longe da violência.

Deputados aprovam projeto de lei sobre violência sexual



Agressores poderão ter punição mais efetiva, afirmou Moisés Selerges

A Câmara dos Deputados aprovou, na última terça-feira, o projeto de lei que obriga o atendimento integral e imediato nos casos de violência sexual.

Pelo projeto, todos os hospitais públicos, conveniados ou contratados pelo Sistema Úni-

co de Saúde, o SUS, que tenham pronto-socorro e serviço de ginecologia, deverão prestar atendimento médico e psicológico às vítimas.

"Se estiver garantido por lei esse tratamento digno para as mulheres que sofrem este tipo de violência, a punição

aos agressores poderá ser mais efetiva", disse o diretor de Organização do Sindicato, Moisés Selerges.

A matéria será encaminhada à apreciação do Senado Federal e, se aprovada, segue para a sanção da presidenta Dilma Rousseff.

Convite

COMPANHEIRAS E COMPANHEIROS

No próximo dia **8 de março - Dia Internacional da Mulher**, temos um encontro marcado na Regional Diadema do Sindicato.

Vamos debater como a dupla jornada e o excesso de responsabilidades que as mulheres assumem podem afetar a sua saúde. Com a participação de Débora do Carmo, da Secretaria de Saúde de São Bernardo, da psicóloga, Eliana Pintor e a colaboração de todas e todos, vamos encontrar juntos alternativas para uma vida mais saudável.

Não deixem de ir!

Saúde é ouro! - Alternativas para uma vida mais saudável.

Debatedoras: Débora do Carmo, diretora do Departamento de Atenção Especializada da Secretaria da Saúde de São Bernardo. Eliana Pintor, psicóloga do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (Ceresst) de São Bernardo.

Quando: 8 de março de 2013, às 8h30.

Onde: Regional Diadema do Sindicato. Avenida Encarnação, 290, Piraporinha, próximo ao terminal do trólebus.

Mais informações com **Lúcia**, no fone 4128-4280.

Ana Nice Carvalho
Diretora Executiva e Coordenadora da Comissão de Metalúrgicas do ABC

Quinta-feira
7 de março de 2013
Edição nº 3322

CENTRAIS REÚNEM 50 MIL EM BRASÍLIA

Paula Brandão / SECOM CUT



Trabalhadores ligados à CUT e a outras cinco centrais sindicais ocuparam a Esplanada dos Ministérios por três horas, ontem, para apresentar uma pauta de reivindicações ao governo federal.

Página 3



Sindicato lamenta a morte de Hugo Chávez

"Ele deixa marcas indestrutíveis na história das conquistas dos trabalhadores e da população mais pobre da Venezuela", afirmou Rafael Marques, presidente do Sindicato.

Página 2

7 em 10 mulheres serão agredidas no mundo, diz Onu

Para proteger mulheres agredidas ou ameaçadas e seus filhos, o ABC conta com o pioneiro Programa Casa Abrigo Regional, que já atendeu 550 pessoas em dez anos de existência.

Página 4

Dilma decreta de três dias por Chávez

O presidente do Sindicato, Rafael Marques, lamentou profundamente a morte do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, ocorrida terça-feira, aos 58 anos, após tratar-se por dois anos de um câncer.

“Chávez era um símbolo dos setores mais progressistas do mundo, um lutador das causas populares que deixou marcas indelétricas na história das conquistas dos trabalhadores e da população mais pobre da Venezuela”, afirmou Rafael.

Ele aproveitou para prestar toda sua solidariedade à população

venezuelana que, na opinião do dirigente, via em Chávez a possibilidade de um futuro melhor para o País.

“Não é fácil perder um líder deste porte”, destacou o presidente do Sindicato. “Posso dizer que sei o que os venezuelanos sentem hoje, pois eles viam em Chávez o mesmo que nós vemos no ex-presidente Lula”, concluiu Rafael.

Lula

Desde o primeiro governo Lula, o venezuelano se empenhou em reforçar os laços do seu País com o Brasil e em aumentar a integra-



Wilson Dias / Agência Brasil

ção entre as nações da América Latina.

“Tenho orgulho de ter convivido e trabalha-

do com ele pela integração da América Latina e por um mundo mais justo”, afirmou Lula.

“Seu exemplo de amor à pátria e sua dedicação à causa dos menos favorecidos

continuarão iluminando o futuro da Venezuela”, completou o ex-presidente.

Luto oficial

A presidenta Dilma Rousseff declarou que a morte de Hugo Chávez deixará um vazio no coração, na história e nas lutas do continente.

“Reconhecemos nele uma grande liderança, uma perda irreparável e, sobretudo, um amigo do Brasil. Um amigo do povo brasileiro”, disse a presidenta, em discurso em Brasília. Ela decretou luto oficial de três dias no País.

Apoiado pelo povo, presidente mudou a Venezuela

Chávez deixa a Venezuela com um legado político e social que inspirou vários governos populares pela América Latina. Um de seus principais feitos foi ser o primeiro presidente venezuelano a usar os recursos do petróleo, maior bem natural da Venezuela, para redistribuir a renda aos mais pobres e melhorar a vida dos trabalhadores.

Em 14 anos de governo, sempre confirmados pelo voto popular nas urnas, Chávez erradicou o analfabetismo no País, multiplicou por 16 o total de médicos a serviço da população, dobrou os gastos sociais com a receita do petróleo - que antes ia quase diretamente para depósitos ilegais no exterior -, reduziu a pobreza em 37% e cortou o desemprego pela metade.



Divulgação

Caracazo

Antes de se tornar presidente, Chávez participou de uma das primeiras revoltas populares contra o modelo econômico neoliberal que imperava na América Latina, o Caracazo, e terminou

preso por dois anos. Na época, em 1989, a população se rebelou contra as medidas impostas pelo Fundo Monetário Nacional (FMI) ao governo de Carlos Andrés Pérez, político ligado às velhas elites venezuelanas. Na época a pobreza alcançava 85% da população do País.

Golpe

Já como presidente, em 2002, depois de realizar reformas na economia que desagradaram à oposição conservadora e rica, sofreu um golpe de Estado que o tirou do governo por dois dias. A forte pressão popular e a lealdade do exército venezuelano o levaram de volta ao poder, que exerceu até a última terça-feira.

Em seu lugar assume o vice Nicolás Maduro.

Eleição para CIPA na Kostal, Sanches Blanes e Mardel

Amanhã tem eleição para a CIPA na Kostal e na Sanches Blanes. Nas duas fábricas, vote nos candidatos apoiados pelo Sindicato, pois estão mais comprometidos com segurança e saúde.

Na **Kostal**, vote em Fabíola Aparecida da Silva, a **Bia**, nº 11; Wanderson de Oli-

veira, o **Leitão**, nº 16; Pedro Paulo da Silva, o **Piauí**, nº 17; Alessandro Barbosa dos Santos, da **Injetora 2º Turno**, nº 20 e Fúlvio Menegoni, da **Ferramentaria**, nº 22.

Na **Mardel**, vote em Anderson Cleiton Almeida de Oliveira, o **Pirica**, da manutenção na Scania. No Hemocentro de São Bernardo. Rua Pedro Jacobucci, 440, Centro, São Bernardo. De segunda a sábado, das 8h às 13h. Fone: 4332-3900.



Para **Olga Garbo Pogliozzi**, avó do companheiro Anderson Cleiton Almeida de Oliveira, o **Pirica**, da manutenção na Scania. No Hemocentro de São Bernardo. Rua Pedro Jacobucci, 440, Centro, São Bernardo. De segunda a sábado, das 8h às 13h. Fone: 4332-3900.

▶ Hoje excepcionalmente não publicamos as Notas e Recados

Centrais fazem marcha de três horas em Brasília

Cerca de 50 mil trabalhadores da CUT, CTB, UGT, NCST, Força Sindical e CGTB, além de representantes de diversos movimentos sociais, ocuparam ontem a Esplanada dos Ministérios, na Capital Federal, e caminharam por mais de três horas durante 7ª Marcha a Brasília.

Em seus discursos, os presidentes das seis centrais reforçaram a necessidade de unidade na ação. “Todas as nossas conquistas ocorreram quando construímos a unidade”, disse o presidente da CUT, Vagner Freitas.

Chávez

No início da tarde, quando terminou a Marcha, os presidentes das seis centrais sindicais se reuniram com o presidente do Senado, Renan Calheiros, para pressionar a votação da chamada pauta do trabalhador (*confira os itens abaixo*).

Em seguida, presidentes de cinco centrais tiveram uma audiência com presidente do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa. A CUT não participou deste encontro.

Os trabalhadores também fizeram uma vigília em frente à Embaixada da Venezuela,



Paula Brandão / SECOM CUT

Trabalhadores cutistas pintam de vermelho as ruas de Brasília

em homenagem ao ex-presidente Hugo Chávez (*leia mais na página 2*).

O venezuelano foi saudado pelos manifestantes como “grande defensor das causas trabalhistas”.

Campo

Participante da marcha, a secretária da Mulher da CUT, Rosane Silva mencionou o acampamento montado na cidade em

defesa do trabalho no campo.

“O poder de Brasília vai ter que conviver com a força e a luta dos camponeses, de maneira permanente, até que avancemos na pauta concreta dos trabalhadores”, afirmou a dirigente.

A presidenta Dilma Rousseff receberia os presidentes das Centrais às 18h, após o fechamento da Tribuna.

“Marchas conquistam suas reivindicações”, diz Rafael

“Onde tem luta, os Metalúrgicos do ABC estão presentes”. Esta foi a saudação do presidente do Sindicato, Rafael Marques (foto), à dele-



Floriane Rios

gação da categoria que esteve ontem na 7ª Marcha a Brasília.

Ele lembrou que os metalúrgicos do ABC participaram de todas as edições da Marcha com reivindicações diferentes e, o mais importante, os principais temas apresentados foram conquistados.

“Exigimos o desconto do Imposto de Renda na PLR e conseguimos; a política de valorização do salário mínimo é proposta nossa e também foi atendida”, destacou Rafael.

Reunião com Dilma

“Os temas se renovam e nos-

abra negociações sobre nossos problemas atuais”, frisou o presidente do Sindicato.

Rafael destacou também a importância dos presidentes das centrais serem recebidos em audiência pela presidenta da República, Dilma Rousseff.

“Ao contrário do que acontece agora, na época dos governos neoliberais e conservadores os trabalhadores não eram convidados a entrar no Palácio do Planalto”, disse. “Basta lembrar a Marcha dos 100 mil, quando fomos recebidos pela polícia por ordem de FHC”, finalizou.

SAÚDE

A questão do trabalho

Na semana passada, argumentamos que apenas as ações concretas nos locais de trabalho podem trazer melhorias para a saúde e a segurança. Então, por que fazer isso é tão difícil?

Primeiro, porque temos um conceito errado sobre o trabalho. Confundimos o trabalho prescrito, a tarefa, com o trabalho real, a atividade.

Essa confusão leva-nos a acreditar que o trabalho seja algo simples e previsível, como se a prescrição fosse o próprio trabalho.

Mas isso não é verdade. Primeiro, porque entre a tarefa e a atividade existe a subjetividade humana. A atividade não é o que está prescrito e sim a forma como cada trabalhador subjetiva, percebe

e utiliza suas competências, sua cultura e suas predisposições psicológicas para realizar, ou seja, tornar real o que era apenas uma receita.

Em segundo lugar, porque as relações políticas que envolvem a gestão desse espaço entre a tarefa e a atividade determinam a quantidade de sofrimento, os riscos de doenças, acidentes e as circunstâncias materiais em que se desenvolve a atividade.

Por último, porque os trabalhadores, individualmente, não têm poder para se contrapor, ou para resistir a essas políticas de gestão. E as ações coletivas perdem força porque os trabalhadores entendem os impactos da gestão de forma desigual.

Como superar esses desafios?



Comente este artigo. Escreva para dstma@smabc.org.br

Departamento de Saúde do Trabalhador e Meio Ambiente